

A Emergência da Educação On-line: Narrativas Docentesdiscentes de uma Educação On-line por/em outras Presencialidades

The Emergence of On-line Education: Narratives of Narratives of an On-line Education through/in other Face-to-Face

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v12i3.1922

Wallace Carriço de Almeida^{1*}
Edméa Oliveira dos Santos¹

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Km 07, Zona Rural, BR-465, Seropédica - RJ - Brasil.

*wallace.almeida@me.com

Resumo

O trabalho relata a experiência de uma pesquisa-formação na cibercultura na compreensão do contexto da emergência das fake news e suas repercussões na contemporaneidade para desenvolver metodologias de ciberpesquisa-formação em tempos de pós-verdade. Partimos das noções de fake news, desinformação e pós-verdade para o diálogo com as narrativas e imagens das praticantes, situadas nas pesquisas com os cotidianos, tendo como método e opção política uma prática de pesquisa que promove uma imersão e ação de coautoria no campo, formando e se formando no intercâmbio com os praticantes culturais. O campo da pesquisa foi o cotidiano da disciplina "Informática na Educação" do curso de Pedagogia a distância pela UERJ/CEDERJ/UAB vivido em perspectiva de investigar como essa guerra de narrativas vem modificando as formas de atuação e formação docente, mesmo em contexto de pandemia.

Palavras-chave: Pesquisa-formação na cibercultura. Docência on-line. Fake news. Pandemia.



Recebido 18/07/2022
Aceito 01/08/2022
Publicado 09/08/2022

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: ALMEIDA, W. C.; SANTOS, E. O. A Emergência da Educação On-line: Narrativas Docentesdiscentes de uma Educação On-line por/em outras Presencialidades. **EaD em Foco**, v. 12, n. 3, e1922, 2022. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v12i3.1922>

The Emergence of On-line Education: Narratives of Narratives of an On-line Education through/in other Face-to-Face

Abstract

The work reports the experience of a research-training in cyberculture. In understanding the context of the emergence of fake news and its repercussions in the contemporary world to develop methodologies for cyberresearch-training in post-truth times. We start from the notions of fake news, disinformation and post-truth to dialogue with the narratives and images of practitioners. Situated in research with everyday life, having as a method and political option a research practice that promotes an immersion and co-authorship action in the field, forming and forming in the exchange with cultural practitioners. The field of research was the daily life of the discipline "Informatics in Education" of the distance Pedagogy course at UERJ/CEDERJ/UAB, lived in the perspective of investigating how this war of narratives has been modifying the forms of action and teacher training, even in the context of pandemic.

Keywords: *Research-training in cyberculture. On-line teaching. Fake news. Pandemic.*

1. Educação on-line em tempos de emergência

Pretendemos aqui revelar alguns dos achados que estamos fazendo na vivência com o dispositivo de pesquisa-formação Reglus, que atua de modo a desenvolver uma nova proposta de formação docente para as mídias com professores em contexto de educação on-line. Uma perspectiva importante quando se considera a educação não somente como afirmação da liberdade, mas como um instrumento de defesa e de conscientização democrática.

Um dos papéis fundamentais da educação ao longo da história da humanidade tem sido o de formar para lidar com as emergências, principalmente no que se refere a construção de novos ambientes e cenários de pesquisa, formação e prática docente (SANTOS, 2019, p. 98). Então, quando a pandemia surgiu, ficou claro que muitos dos desafios que estávamos enfrentando exigiam também a emergência de outras soluções formativas. Nesse contexto, os cursos de Graduação a Distância já existiam, mas a diferença é que, agora, todo o currículo educacional do país precisava ser praticado remotamente a partir de mediações audiovisuais nas modernas plataformas de webconferência pela manutenção do distanciamento físico. Logo ficou igualmente claro que a resposta dessa plataformização da educação à pandemia não era tão ousada a ponto de usar o potencial da cibercultura na educação. A repetição e sobreposição de modelos massivos causavam agora a exaustão física e mental de professores e alunos e inúmeros adoecimentos já eram relatados em rede (SANTOS, 2020, on-line).

Desse modo, para além da mera reatividade de um ensino remoto mediado por tecnologias, como uma parca demonstração dissidente de seu verdadeiro valor, a resposta para este dilema precisa compreender a possibilidade de eu me tornar também sujeito da formação de meu ato formador. O que a necessidade exige, quando não se pode reagir à altura da mazela, é ao menos a questão de enfrentá-la com dignidade (FREIRE, 2011, p. 35). A dignidade de um fazer pedagógico e de um processo formativo que transmite o sonho possível. De ser capaz de inspirar e formar consigo e com outros um caminho eficiente, que consciente assim de seu papel e de seu valor, possa formar para o exercício docente mesmo durante

uma crise global. Não apenas para permitir que rotinas de estudo e encontros educacionais possam ser garantidos em contextos adversos como o da pandemia, mas para atuar no sentido de ser uma fonte necessária de esperança, de saber que as coisas podem até piorar, mas de saber também que é possível intervir para melhorá-las (FREIRE, 2011, p. 37).

Tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da construção de novos ambientes e cenários de pesquisa, formação e prática docente, que sejam de natureza eminentemente efetivos para responder às questões de nosso tempo. Para o nosso campo de estudos e atuação, do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, liderado por Edméa Santos desde o ano de 2007, essa é uma história que tem seu investimento na compreensão dos fenômenos da cibercultura, suas relações com a docência e no desenvolvimento da noção e de práticas de pesquisa-formação na cibercultura (SANTOS, 2019, p. 55).

Partindo dessa nossa itinerância de pesquisa e docência, compreendemos que educação e a docência on-line são fenômenos da cibercultura (SANTOS, 2005) que se materializam em interface com as práticas formativas presenciais e no ciberespaço, mediadas por tecnologias digitais em rede.

O que muda então com a educação on-line? Além da autoaprendizagem, as interfaces dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) permitem a interatividade e a aprendizagem colaborativa, ou seja, além de aprender com o material, o participante aprende na dialógica com outros sujeitos envolvidos – professores, tutores e principalmente outros cursistas –, através de processos de comunicação síncronos e assíncronos (fórum de discussão, lista, chats, blogs, webfólios entre outros). Isso é revolucionário, inclusive quebra e transforma o conceito de distância. Se bem apropriada por cursistas e professores, a educação on-line deixa de ser EaD para ser simplesmente EDUCAÇÃO. (SANTOS, 2005, p. 111)

Assim, mesmo quando na iminência de estarmos fisicamente distanciados pelo contexto da pandemia, não necessariamente indica um estado de isolamento no processo formativo. Se bem apropriada por cursistas e professores, a educação on-line revela uma revolução por permitir que praticantes culturais geograficamente dispersos, em capilaridade de cursos, polos e múltiplas identidades culturais possam estar inseridos com os seus pares através de interação no digital. Uma inovação que, no momento atual, demonstra ainda mais a importância de posicionar a educação on-line não apenas como uma alternativa ao ensino presencial, mas como a única configuração viável e segura em perspectiva de garantir, graças ao suporte tecnológico, a manutenção da vida, na promoção das políticas de distanciamento físico.

O formador atual que, diante desta oportunidade, opta pela permanência em oposição a mudança não pode realmente estar realmente implicado com o desenvolvimento de uma percepção crítica da realidade por parte dos indivíduos. Em um contexto onde a pandemia ampliou desigualdades na educação, excluindo principalmente os mais vulneráveis¹, é preciso o exercício de reflexão de cada um dos atores curriculares sobre a sua própria ação, sua responsabilidade em situações onde pode atuar em via de transformação da realidade. Principalmente acerca da revisão da percepção de sua prática como condicionante da estrutura social em que se encontram (FREIRE, 2013, p. 43).

Mas o contemporâneo do currículo, como emergência de temporalidades e intenções (in) tensamente relacionais, está “junto e misturado” com as suas contradições e ambivalências. Muitas faces da reificação curricular se plasman e se transmutam em meio às emergências de um contemporâneo instituinte de currículos outros, sem qualquer ilusão de que afastamos de forma significativa as iniquidades que há séculos fazem do currículo uma máquina de pasteurização, hierarquização e exclusão. (MACEDO, 2013, p. 19)

¹ “Nesta volta às aulas, é urgente ir atrás de quem deixou a escola ou não conseguiu aprender na pandemia”, alerta UNICEF. Fonte: <https://uni.cf/3yOch8M>

Por isso, estando agora ainda mais implicados com esse projeto, forjamos dispositivos de pesquisa-formação através da mediação das interfaces digitais, em âmbito de ensino e pesquisa a partir do compartilhamento de narrativas, imagens, sentidos e dilemas docentes e de pesquisa (SANTOS, 2019) em atos de currículo (MACEDO, 2013) inspirados pelo que o coletivo social tem viralizado. Principalmente em tempos de pandemia.

Ato de currículo como conceito-acontecimento, como conceito-dispositivo, radicaliza o entendimento e apresenta dispositivos conceituais para aprofundarmos nossos convencimentos da emergência do currículo como uma construção social incessante e interessada. Orienta nossas práticas para percebê-las como instituintes, passíveis de crítica, compreensão cultural e histórica. É aqui que se instaura a ideia de ato de currículo a partir de uma perspectiva socioconstrucionista. Tem a ver com o argumento de que atores sociais envolvidos em questões curriculares não são “idiotas culturais”, tese central da etnometodológica. Para todos os fins práticos, em alguma instância, produzem etnométodos curriculantes. Como cidadãos e cidadãs de direitos e deveres educacionais não podem ser vistos por autoridades educacionais instituídas como epifenômenos, mas como atores e autores das pautas curriculares, capazes de dizer e contribuir com as decisões inerentes a esta invenção sociopedagógica fundamental para a qualificação formativa das pessoas e seus segmentos sociais. (MACEDO, 2013, p. 26,27)

Pela necessidade que se impõe no contemporâneo, pela luta pela vida, pela permanência e por uma presença suficientemente capaz de interferir aos/nos novos fenômenos de pesquisa, formação e prática docente, compreendemos assim a concepção de nossos atos de currículo, de modo que, a emergência da autorização, condição fundante para que a diferença apareça como implicação e alteração, signifique a autoria nas composições curriculares (p. 14).

Desse modo, a resposta para o nosso dilema precisa também compreender que todos os atores sociais envolvidos em nossas invenções sociopedagógicas, são coautores de nossos dispositivos, processos e atos formativos. Inspirando metodologias e práticas, produzindo narrativas e imagens eles são capazes de dizer e contribuir com as decisões inerentes aos rumos que serão seguidos em nossa investigação. Fazendo com que cada ação determinada no contexto condicionante da pesquisa possa produzir prolongamentos fundamentais para a qualificação formativa não somente dos praticantes culturais implicados no processo, mas incondicionalmente nas vidas das pessoas em seus múltiplos segmentos sociais.

Por isso, o investimento proposto aqui foi o de inovar em práticas curriculares e didáticas de modo a brincar os *viveressaberes* culturais e a *prácticapesquisa* pedagógica para viabilizar outros *espaçotempos* onde possam cultivar-se *docênciasdiscências* principalmente em contextos opressivos. Vivendo em um momento onde a opressão não tem pressa para terminar e pela história recente de ataques a educação no convívio com técnicas onde não falha a vigilância, implicamos nossa proposição radical de pesquisa-formação: conectar a docência com a vivência crítica da cibercultura para possibilitarmos transformação da sociedade tendo como protagonista o professor.

Partindo dessas considerações iniciais onde procuramos trazer o estado do fenômeno e suas implicações para a docência na contemporaneidade, o texto está organizado em mais duas outras partes conforme demonstramos a seguir: “Uma Educação On-line Por/em Outras Presencialidades” onde apresentamos nosso fazer metodológico, inspirado na cibercultura e nos cotidianos para bricolagem de um dispositivo de pesquisa-formação. “Narrativas docentesdiscentes de uma educação on-line em tempos de pandemia” onde revelamos alguns dos achados do Reglus, nosso dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura, na bricolagem de uma diversidade de atos de currículo. Por fim, concluímos compreendendo

que é preciso formar educadores ativistas que sejam capazes de “criar, mediar e gerir ambiências educativas”, mesmo em contextos excludentes, segregacionistas e antidemocráticos, uma vez que o docente é fundamental na mediação de todo o processo crítico formativo dos praticantes nesse cenário complexo e múltiplo de fontes, de dispositivos e de aplicativos pelos quais somos atravessados todos os dias enquanto buscamos informação.

2. Uma educação on-line por/em outras presencialidades

Por ocasião do início de nossa vivência no campo de pesquisa, estávamos atuando com os praticantes na construção do desenho didático e dos atos de currículo para lançarmos a plataforma de pesquisa Reglus². Como parte da pesquisa Fact-checking education: identificação, produção e combate de narrativas falsas nas redes, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), ela surgia, ainda em 2019, com a proposta de investigar a resposta da educação na cibercultura ao fenômeno da pós-verdade, fake news e outras emergências.

Por estarmos convencidos de que esta crise seria um divisor de águas para o público e para a política, entendíamos que *ensinaraprender* nesse contexto, mais do que nunca, exigia a compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 2011, p. 66). Optamos então pelo mergulho nas redes. Estas transbordavam na propagação de perfis fakes, bots e notícias falsas que disseminavam ódio, desinformação e confusão em busca de convocar nesses espaços, simpatizantes dispostos a atuar nas trincheiras da mais nova frente detestável da política brasileira: o fenômeno político de extrema-direita que eclodiu no Brasil com a ascensão da popularidade de Jair Bolsonaro.

A vertigem da democracia brasileira³ que ainda hoje segue deitada eternamente em berço esplêndido, ao som do mar de gritos de ordem de golpe⁴ e à luz tão distante do nosso pleito eleitoral, manifesta sintomas diferentes do vírus governamental originado nos EUA⁵. Dado que agora, fora do poder, Trump passou a defender a vacinação enquanto aqui, o presidente segue naturalizando as mortes pelo vírus e a banalização da vida pela proliferação do discurso antivacina no país. Desse modo, há ainda muito que fazer.

Em busca de compreender o fenômeno e aumentar a conscientização sobre os seus desdobramentos, na esperança de garantir que a educação on-line esteja na vanguarda de um novo fazer pedagógico que possa orientar um mergulho radical na formação e na reconstrução de nossas vidas pós-pandemia, iniciávamos a pesquisa em busca de compreender como identificar, combater e propor um contradiscurso às fake news. Em face desses acontecimentos, nos vimos atravessados pelos primeiros ataques a vida humana ainda no início de março com a realidade da pandemia, do negacionismo científico e do distanciamento que elevou ao digital a responsabilidade de atualizar o que fazíamos fisicamente no presencial.

Nesse caso, é preciso dizer que a presente pesquisa-formação na cibercultura tem como campo de pesquisa o cotidiano da disciplina “Informática na Educação” do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em parceria com o consórcio CEDERJ/UAB. Mas é importante lembrar que nem o Ensino Remoto, que temos presenciado de forma tão efusiva na contemporaneidade é EaD, e nem mesmo as práticas tão consolidadas de Educação a Distância são o mesmo

² “Reglus: uma proposta de prática pedagógica na cibercultura”. Disponível em: <https://bit.ly/reglusumaproposta>

³ “Democracia em Vertigem. Documentário político e memórias pessoais se misturam nesta análise sobre a ascensão e queda de Lula e Dilma Rousseff e a polarização da nação”. Fonte: <https://bit.ly/demoemvertigem>

⁴ “Bolsonaro ameaça o STF de golpe, exorta a desobediência à Justiça e diz que só sai morto”. Fonte: <https://bit.ly/golpenostf>

⁵ “Bolsonaro se isolou como o maior líder antivacina do mundo”. Fonte: <https://bit.ly/liderantivacina>

que a Educação On-line⁶ (SANTOS, 2005, 2019) que mobilizamos neste trabalho. Apesar de estarmos pesquisando em campo de pesquisa no cotidiano do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância, a nossa prática em nada se confunde com uma experiência mediada apenas pelos processos habituais de autoestudo e de repositório de conteúdos para trabalho individual, pois em curiosidade epistemológica investimos em pesquisa em nossa prática docente, criando e acionando dispositivos (SANTOS, 2020).

No mesmo curso de Pedagogia a Distância, há também EAD massiva. Ainda que se utilize uma única plataforma digital e se sigamos as mesmas orientações e diretrizes gerais. Há desenhos didáticos mais instrucionais, em que docentes orientam estudos, leituras, tiram dúvidas de conteúdos e administram a agenda do sistema. Cada aluno faz suas tarefas, prestando conta das atividades quase sempre individualizadas. Isso é EAD. Alunos aprendem e se formam. Mas preferimos investir em mais comunicação na cibercultura e, para tanto, insistimos no ON-LINE. Sendo assim, não é a materialidade do digital em rede que garante a educação on-line. O que a garante é o currículo que forjamos na mediação interativa e hipertextual da comunicação e da produção do conhecimento em rede. (SANTOS, 2020, on-line)

Partindo da pesquisa nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2001, 2003, 2009, 2019) como metodologia de trabalho, entendemos as narrativas como objeto material de pesquisa e de forma de comunicação da ciência. Assim, pesquisamos na cibercultura tendo a educação on-line como contexto, campo de pesquisa e dispositivo formativo, usando narrativas e imagens para “narrar a vida e literaturizar a ciência” e entendendo “que para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete a mudanças muito mais profundas” (ALVES, 2001, p.13-16).

Neste sentido, compreendemos o valor social da narrativa que contribui para narrativas - orais e escritas - que rompem com o modelo hegemônico das mesmas na ciência moderna, pois considera que ‘conhecimentos-significações’ surgem em inúmeros espaçostempos’ a partir de múltiplas e complexas relações humanas e que se expressam para muito além de textos escritos. Ou seja, expressões do pensamento humano atentas aos movimentos denunciados por Foucault na produção de um discurso científico que só ganha legitimidade quando define quem pode falar e quem deve calar, quem tem razão e quem está no campo do devaneio, quem tem a verdade e quem tem a mentira (FOUCAULT, 2005) e que se permitam ir além desses limites. (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019, p. 27)

Desse modo, entendemos que praticar pesquisa-formação na cibercultura nos cotidianos é, portanto, desenvolver projetos que rompem com o modelo hegemônico educacional, que se desenvolvam, sobretudo a partir dos nossos dilemas sociotécnicos reverberando e causando ressonâncias diretas nos nossos dilemas docentes, ou seja, nas inquietações cotidianas que nós, como professores temos vivenciando como protagonistas e como praticantes culturais da cultura contemporânea.

Assim, com a emergência da pandemia, emergimos também outros fazeres docentesdiscentes que pudessem reinventar nossas vidas para esse presente e futuro. A perspectiva do isolamento já não era uma questão em nosso cotidiano, pelo caráter do nosso fazer pedagógico, então, como esse projeto poderia atuar em busca de afetar e agir em favor da manutenção da vida através de uma educação on-line por/em outras presencialidades?

⁶ Notícias: EAD, palavra proibida. Educação on-line, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? #livesdejunho - Edméa Santos. Disponível em: <https://bit.ly/eadpalavra>

Para isso, é preciso ir além do processo de estar sendo, para reconhecer a própria presença humana no mundo e nos seus espaços como algo original e singular, através de uma revolução do seu estado de consciência.

Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. (FREIRE, 2011, p. 13)

Como presença consciente no mundo e em nossa realidade brasileira, não poderíamos escapar à responsabilidade ética em nosso mover-se no mundo com nossos praticantes sem reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados. Que a nossa história atual é tempo de possibilidade e não de determinismo e que o nosso presente, assim como o nosso futuro, é problemático sim, mas não inexorável (ibid., p. 14). Por isso, atuamos no sentido de partilha de si mesmo e dos outros no próprio processo de interação em busca de constatar, comparar e avaliar para romper. Na medida em que comunicar é partilhar sentido, recombinações pelas novas formas de comunicação, nesses novos espaços da experiência em conjunto, escolhemos formular esquemas de ação e de estar aptos para reunir o máximo de certezas para enfrentar a incerteza que a pandemia infligia diante de nós (Morin, 1999, p.192).

Acreditando que, para compreender a complexidade da vida, suas instâncias e *espaçotempos* onde formamos e somos formados, seguimos na essência de pesquisar o cotidiano, suas práticas e elaborações, buscando assim mobilizar processos de constituição de autoria e de conscientização crítica/política suportada pela resistência com/nos fenômenos da cibercultura para combater as fake news. Mas, agora, nos embrenhávamos no fenômeno por mais um de seus entroncamentos; a isso chamamos infodemia⁷.

Nesse contexto, a propagação de rumores e teorias da conspiração atua não somente em busca de manipular deliberadamente o fluxo de informações em rede, mas se transforma rapidamente para atacar as medidas, as instituições e os profissionais de saúde, e como uma patologia viral, vai afetar o poder de decisão da mente atentando contra a vida das pessoas. Portanto, não é somente o distanciamento que aumenta a gravidade da pandemia, muito mais grave é a ausência de políticas de combate às fake news e a não-obrigatoriedade do ciclo vacinal, oferecendo aos conspiracionistas uma estrutura para disseminar a desinformação.

Assim, precisamos de práticas formativas que possam privilegiar a construção de um saber coletivo (LEVY 2007, p.76), formativo e confiável, em sintonia com o cotidiano dos praticantes. Através desses atos de currículo, propusemos uma ambiência de educação midiática inspirada pelo fact-checking, ou simplesmente fact-checking education, ao cocriar com os praticantes da disciplina um repositório on-line de informação confiável. Inspirado pelas normas e práticas das agências de checagem de fatos em atuação no Brasil (Aos Fatos, Lupa) e no mundo (Instituto Poynter e todos que compõem a rede internacional de verificação de fatos), pelas atuais iniciativas do jornalismo independente (The Intercept Brasil) e de desmonetização de disseminadores de fake news (Sleeping Giants Brasil). E fomos recompensados com essa escolha porque esses docentesdiscentes em formação e seus mediadores demonstraram muita coragem, criatividade, e dedicação desde o início desse processo. O relato a seguir revela algumas narrativas docentesdiscentes de uma educação on-line em tempos de pandemia.

⁷ “Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19”. Fonte: <https://bit.ly/pahoinfodemia>

3. Narrativas docentesdiscentes de uma educação on-line em tempos de pandemia

Como a primeira dessas narrativas, descrevemos aqui algumas das nossas experiências na produção do desenho didático, dos dispositivos e alguns dos entendimentos sobre a proposição e desenvolvimento inicial desses atos de currículo. De forma, ao pontuamos algumas percepções da pesquisa acadêmica e o exercício profissional na relação com a docência, revelamos alguns de nossos passos em busca de iniciar um movimento que pudesse brincar elementos formativos que haviam tomado parte na revolução da pós-verdade e depois ressignificá-los em um novo contexto formativo.

Quase dois terços dos brasileiros (64%) agora recebem suas notícias das redes sociais toda semana usando uma ampla variedade de redes. O próprio Facebook vem perdendo terreno e foi ultrapassado pelo YouTube como a rede social mais popular para o consumo de notícias. Também houve um forte aumento no uso de redes visuais mais recentes, como Instagram (35%) e TikTok (12%) para notícias, enquanto os aplicativos de mensagens WhatsApp (41%) e Telegram (9%) continuam sendo formas importantes de discutir e compartilhar notícias. (Relatório sobre Notícias Digitais de 2022 do Instituto Reuters)

A nova tendência do cenário mundial não busca mais falsificar ou contestar a verdade, mas secundarizar sua importância em prol de uma verdade mais convidativa, mais conveniente, que consolide na mente da população a opinião em busca de ser o *influencer* o grande meio de comunicação a ser assistido. Uma percepção revelada no fato que a maioria das pessoas no Brasil (60%) acha que os jornalistas devem ser capazes de expressar opiniões pessoais, bem como relatar as notícias⁸. Uma linha clara é a mudança de hábitos de grupos mais jovens, especificamente aqueles com menos de 30 anos, a quem as organizações de notícias muitas vezes lutam para alcançar. O crescimento de uso do Youtube e de novas redes visuais para notícias como TikTok e Instagram também demandam a nossa atenção.

Nessa conjuntura, ao pretender engendrar essa teia de conexões e acionar os praticantes a adentrarem os conteúdos, produzindo colaborativamente conhecimentos nas interfaces de comunicação atuamos no sentido de partilha de si mesmo e dos outros no próprio processo de interação, na emissão de opinião, de modo a compreender como as narrativas e imagens empreendidas nesses novos espaços-tempos podem estimular experiências transcendentais, propomos assim, aprender com a constante evolução dessas interfaces de cooperação, suas possibilidades e novas perspectivas para o debate acerca de uma lógica comunicacional inspirada pela coletividade.

Como deve ter ficado claro, a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão “trabalhar em comum acordo”, ou no sentido de “entendimento com o inimigo”. Trata-se de uma abordagem de caráter bem geral da vida em sociedade e de seu possível futuro (LEVY, 2007, p. 26).

A multiplicidade de personalidades envolvidas no processo formativo, além de ser indispensável para o desenvolvimento de sistemas de inteligência coletiva, move os praticantes em via de um novo olhar na utilização dos algoritmos. Em busca de novas interações com o saber, de modo a reestruturar as relações dialógicas das aprendizagens em torno do aprendizado recíproco, da sinergia das competências, da imaginação e das inteligências, perspectivamos um novo debate acerca da lógica comunicacional. de modo a compreender as conversas empreendidas nesses outros *espaços-tempos* dos aplicativos como experiências transcendentais, narramos nossa existência no ciberespaço, mas, para além disso, democratizamos

⁸ “Reuters Institute Digital News Report 2022”. Nic Newman with Richard Fletcher, Craig T. Robertson, Kirsten Eddy, and Rasmus Kleis Nielsen. “Brazil”. 2022, p. 116. Disponível em: <https://bit.ly/reutersdigitalnewsreport2022>

nossas “artes de fazer”, as “astúcias sutis” e as “táticas de resistência” pelas quais se alteram os objetos e principalmente os códigos, reapropriando o espaço ao nosso uso e nosso jeito (CERTEAU, 2014).

Assim, nos inspiramos no dispositivo “*estoure a bolha do seu filtro*”⁹ para a criação da nossa interpretação do dispositivo através do aplicativo *Mentimeter*¹⁰. O *Mentimeter* é um aplicativo interativo e visual para composição e partilha de sentidos através de slides. O aplicativo permite uma série de interações que permitem que professores e pesquisadores, criem apresentações complexas que possam ser modificadas e ampliadas pela interação direta do praticante em busca de exibir resultados contextualizados com o seu público.

Dentre as interações possíveis no aplicativo, situa-se a possibilidade de formar uma nuvem de palavras interativa composta de entradas compartilhadas publicamente pela inserção de dados na interface do dispositivo. Desse modo, solicitamos que os praticantes da disciplina: (1) acessassem o aplicativo *Mentimeter* pelo smartphone, tablet ou pela Web, (2) preenchessem os campos com os nomes de seis das suas principais fontes de informação acessadas em seu cotidiano (por exemplo: G1, Facebook, WhatsApp, Meia Hora...), (3) acessar o link que contém a nuvem de palavras representando os resultados do seu polo para (4) comentar os resultados encontrados, justificando as fontes com que você concorda e refutando as fontes com que você não concorda que sejam bases confiáveis de informação, (5) escolher e comentar uma nova fonte de informação confiável que você tenha descoberto com essa atividade. E assim elas fizeram, narrando seu percurso formativo na aquisição de informação.

Figura 1: Captura da nuvem de palavras gerada a partir da interação com o aplicativo *Mentimeter*



Fonte: Captura de telas da página do *Mentimeter*

Por meio dessa atividade tivemos a oportunidade de mapear bolhas compreendidas pelo coletivo de praticantes dos polos da disciplina de Informática na Educação. Em busca de perceber, como essas docentes em formação se percebem como consumidores de conteúdo informativo. Partilhamos esses sentidos para a identificação, produção e combate de narrativas falsas nas redes e para a proposição de outras referências do formar e (in)formar-se a partir das fontes de outros praticantes. Em um dos cenários mais demonstrativos de nosso tempo, a imagem apresentada acima promete se tornar um símbolo duradouro

⁹ Burst your filter bubble - Insight tool. Fonte: <https://bit.ly/burstfilterbubble>

¹⁰ O que é *Mentimeter*? Veja como funciona e como criar apresentações. Fonte: <https://bit.ly/mentimeteruso>

de terror. Se constituindo em um movimento de reflexão, ela reproduz um cenário contraditório e agudamente crítico, mas não determinante, e revela o problema que enfrentamos na formação.

Partindo desse contexto formativo, seria fundamental a percepção de que, mesmo que estivessem conectadas em uma perspectiva de rede e serem todas alunas de um curso de Graduação em Pedagogia em uma universidade pública do Rio de Janeiro (com todos os sentidos e dilemas implicados com/por essa conjuntura), os seus resultados não representavam uma uniformidade de consciência crítica/política a respeito da fonte da informação.

Figura 2: Interações com/entre praticantes da disciplina

Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro
por [Maryana Andreia Correa Queiroz Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - sábado, 28 ago 2021, 19:13

Olá!
Os resultados encontrados foram: G1, BBC News Brasil You Tube, WhatsApp, SBT, Record TV, Portal R7, UOL CNN, Folha, Internet, Instagram, Facebook, Omeleteve, Google, Gmail, Bing, Terça Livre, Ted e Brasil Paralelo. Percebi que as buscas por fontes genéricas de informação são muito frequentes, como no caso do WhatsApp. Apesar de saber que alguns perfis representam instituições sérias de pesquisa e informação, em geral, eu não incluiria Instagram, Facebook, WhatsApp ou mesmo ferramentas de busca como Google e Bing na minha lista, uma vez que muitas das informações acessadas nessas plataformas não passam por um processo minucioso de avaliação antes de serem compartilhadas publicamente. Não há um rigor metodológico na escolha dos veículos em que as pessoas depositam sua confiança, e isso me preocupa. Muito me choca, também, que veículos como Terça Livre e Brasil Paralelo apareçam entre os mais acessados, visto que ambos sofrem acusações seríssimas por disseminação de Fake News, É estarecedor! No mais, reforço as indicações para o G1, UOL Folha, CNN e canais institucionais no YouTube. Incluo à lista: El País, Revista Gênero e Número, Isto É, Science Magazine e Nature.

[Link aberto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro
por [Ana Beatriz Garcia Lima Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - segunda, 30 ago 2021, 14:56

Mary, é realmente muito preocupante encontrarmos sites como Brasil Paralelo nessa atividade, eu fiquei um pouco chocada em pensar que temos colegas que consomem esse tipo de informação em pleno século XXI em 2021, um ano internacionalmente reconhecido pelas fakes news aqui no país.

[Link aberto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro
por [Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância](#) - quinta, 2 set 2021, 08:58

Verdade, Ana Beatriz! A CPI das Fake News [já aprovou a quebra de sigilos de empresas de comunicação que seriam disseminadores de fake news](#) durante a pandemia, Os requerimentos miram os responsáveis pelos sites Terça Livre, Brasil Paralelo, Crítica Nacional, Senso Incomum e Conexão Política. Termos aqui esses sites citados como fonte de informação revelam o tamanho do problema que enfrentamos até na nossa própria formação! Na sua opinião, como podemos formar formadores conscientes de sua responsabilidade na propagação da verdade dos fatos?

[Link aberto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro
por [Ana Beatriz Garcia Lima Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - domingo, 5 set 2021, 16:11

Wallace, acredito que devemos ter uma preocupação em formar investigadores, pessoas que sejam capazes e críticas ao validarem a informação, a fonte e, principalmente, falar sobre a irresponsabilidade em propagar inverdades.

[Link aberto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: Captura de telas da página do Moodle.

Na fala da praticante Maryana, ao finalizar sua interação com o aplicativo, *“os resultados encontrados foram: G1, BBC News Brasil, You Tube, WhatsApp, SBT, Record TV, Portal R7, UOL, CNN, Folha, Internet, Instagram, Facebook, Omeleteve, Google, Gmail, Bing, Terça Livre, Ted e Brasil Paralelo”*. Ela então constata que os meios tradicionais de informação (da grande mídia) não tiveram um lugar de destaque na representação visual do aplicativo como era esperado, de modo que *“as buscas por fontes genéricas de informação são muito frequentes, como no caso do WhatsApp”* foram tão recorrentes que definiram o demográfico exibido pelo aplicativo.

A praticante ainda faz uma distinção dos usos feitos e das práticas compreendidas nesses aplicativos por *“saber que alguns perfis representam instituições sérias de pesquisa e informação”*, mas volta a denunciar o uso dessas plataformas como fontes confiáveis de informação, *“uma vez que muitas das informações acessadas nessas plataformas não passam por um processo minucioso de avaliação antes de serem compartilhadas publicamente”*. Desse modo, como *“não há um rigor metodológico na escolha dos veículos em que as pessoas depositam sua confiança”*, como afirma Maryana, estaríamos sujeitos a uma total ausência de regras para se definir o que seria aceitável em termos daquilo que chamamos verdade. Uma questão tão necessária quando estamos lidando com *discentesdocentes* em formação.

Seguimos assim com Maryana para identificar a patologia indicada pela leitura dos sintomas acima: *“Muito me choca, também, que veículos como Terça Livre e Brasil Paralelo apareçam entre os mais acessados, visto que ambos sofrem acusações seriíssimas por disseminação de Fake News. É estarrecedor!”*. Enfim o diagnóstico completo.

Um desafio para a educação problematizadora na cibercultura é proporcionar experiências formativas on-line que sejam construtoras de uma consciência existencial crítica presente na formação de professores. Enquanto trabalhamos na desconstrução de perspectivas educacionais que cismam por subutilizar o potencial comunicacional humano em rede, precisamos nos incomodar também pela construção de atos de currículo conscientizadores.

Mas se uma pedagogia da liberdade traz o gérmen da revolta, nem por isso seria correto afirmar que esta se encontra, como tal, entre os objetivos do educador. Se ocorre, é apenas e exclusivamente porque a conscientização divisa uma situação real em que os dados mais frequentes são a luta e a violência. Conscientizar não significa, de nenhum modo, ideologizar ou propor palavras de ordem. Se a conscientização abre caminho à expressão das insatisfações sociais é porque estas são componentes reais de uma situação de opressão (FREIRE, 2013, p. 14)

Concordamos com Ana Beatriz, que acrescenta: *“Mary, é realmente muito preocupante encontrarmos sites como Brasil Paralelo nessa atividade, eu fiquei um pouco chocada em pensar que temos colegas que consomem esse tipo de informação em pleno século XXI, em 2021, um ano internacionalmente reconhecido pelas fakes news aqui no país”*, para dizer que é sim, muito preocupante que professores se informem por veículos já responsabilizados pela CPI das Fake News¹¹ como disseminadores de desinformação durante a pandemia. Que é também *“chocante”* pensar que estamos nos formando ao lado de colegas (será?) que não percebem ou não sentem a opressão provocada por esse movimento que produz e reproduz desinformação de nossa história em caráter revisionista/negacionista. Mas é muito mais importante a emergência da compreensão desse problema em nosso processo formativo *“para formar formadores conscientes de sua responsabilidade na propagação da verdade dos fatos”*. Afinal, qual é o papel de formar *docentesdiscentes* em uma educação on-line, mesmo em contexto de pandemia?

¹¹ Comissão Parlamentar Mista de Inquérito - Fake News. Fonte: <https://bit.ly/cpifakenews>

Figura 3: Interações com/entre praticantes da disciplina

Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro
por **Joanna Las Casas E Souza Aluno(a) - UERJ - PLI - ROC** - segunda, 30 ago 2021, 14:24

Ela é importante para nos fazer refletir o quanto é perigoso as inverdades ditas por aí e como elas podem afetar a vida das pessoas, a ponto de fazé-las, por exemplo, não tomar vacina ou cuidar da própria saúde. O que se destaca diante disso, é a importância de os professores e professoras se prepararem para ajudar os alunos a lidarem não com as verdades e certezas absolutas, mas sim com as incertezas do saber, do conhecimento e da vida.

Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro
por **Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância** - quinta, 2 set 2021, 08:53

Exatamente!

Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro
por **Jennifer Nayane De Araujo Aluno(a) - UERJ - PLI - PAR** - domingo, 5 set 2021, 20:41

Muito me estranha essa aversão as vacinas, pois sempre as tomamos e ninguém nunca saiu perguntando qual o laboratório, cientista, data de validade delas. Acho para além do negacionismo das pessoas disseminado por informações erradas nas mídias digitais, deve ter a ver com o mercado capitalista. As industrias farmaceuticas estão se beneficiando a custa de vidas.

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

De acordo com Joanna, esse papel *“é importante para nos fazer refletir o quanto é perigoso as inverdades ditas por aí e como elas podem afetar a vida das pessoas”*. Assim, sua resposta para a minha pergunta passa pela ideia de que os *“professores e professoras precisam se preparar para ajudar os alunos a lidarem não com as verdades e certezas absolutas, mas sim com as incertezas do saber, do conhecimento e da vida”*.

A complexidade atrai a estratégia Só a estratégia permite avançar no incerto e no aleatório. A arte da guerra é estratégica porque é uma arte difícil que deve responder não só à incerteza dos movimentos do inimigo, mas também à incerteza sobre o que o inimigo pensa, incluindo o que ele pensa que nós pensamos. A estratégia é a arte de utilizar as informações que aparecem na ação, de integrá-las, de formular esquemas de ação e de estar apto para reunir o máximo de certezas para enfrentar a incerteza. (MORIN, 2005, p. 192)

Isso significa agir de modo que a nossa busca não seja apenas do conhecimento, como se esse fosse um segredo do mundo ou sua equação-chave, mas aprender a dialogar a partir dele, com ele e com o mundo em sintonia com as suas ideias vagas, suas contradições, suas ideias fixas e suas convicções sem provas. Ao lidarmos com a incerteza perturbamos muitos espíritos, mas exaltamos outros, incitando a pensar aventurosamente e a gerir o pensamento. Incita também a criticar o saber estabelecido, que se impõe como certo. Incita ao autoexame e à tentativa de autocrítica (ibid, p. 205).

Isso implica refletir, a partir de experiências vividas, as descobertas e os desafios impostos à aprendizagem e à formação humana e, portanto, ao currículo em si. Vislumbramos os *saberes-fazeres* educativos como possibilidades diversas de reinventar as formas de se estar no mundo e ampliar as compreensões

de um novo desenho cultural, social, político e estético, que deixa suas marcas, afetando-as e sendo afetado pelas diversas redes educativas.(MARTINS; ALMEIDA; ALMEIDA, p. 15)

Em busca de se estar no mundo e ampliar as compreensões de um novo fazer cultural, que seja mais social, político e estético é que decidimos agir de modo a estarmos preparados para lidar não mais apenas com as verdades e certezas absolutas, mas sim com as incertezas do saber, do conhecimento e da vida. Em busca de um novo fazer pedagógico que possa se reinventar pelas marcas desse processo formativo, afetando-as e sendo afetado por elas nas diversas redes educativas.

4. Considerações finais

Assim, “são muitos os cotidianos de que fazemos parte” (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019) e eles não se reduzem a prática de um ou outro sujeito. Inclusiva ou excludente, cada base ideológica representa a oposição de seres e saberes que nos constitui como humanos, exigindo de nós “um constante repensar das nossas práticas como pesquisadores”. E é em busca de repensar nossa prática, em formação e como formadores, que propusemos esse trabalho: o de formar docentesdiscentes para o ativismo coletivo nas redes.

É porque acreditamos em transformar pessoas, que estivemos com outros, mediando uma formação por diferentes dispositivos. Não teríamos ultrapassado o nível de mera adaptação do docente a cibercultura se não estivéssemos implicados com a necessidade de, pensando a própria formação, nos servirmos dela para programar uma transformação de nossa práxis em uma educação libertadora, em uma prática utópica.

As passagens mais bonitas das obras de Paulo Freire são as que ele escreveu sobre o sonho e a utopia. Paulo Freire era um educador voltado para o futuro. A leitura de Paulo Freire deveria começar sempre por essa porta de entrada, a porta da utopia [...] A utopia é o que ele chamaria de um tema “epocal”. Para ele, epocal é o tema que sintetiza uma preocupação ampla e convergente de toda uma época. (GADOTTI, 2007, p. 15)

No esforço de sintetizar as preocupações e convergências de nossa época, partimos pela utopia de Freire, para iniciar um diálogo sistematizado com os achados que emergem de nossa pesquisa. Inspirando-nos na leitura de suas obras, ora usando analogias, ora usando substituições, para estabelecer mais uma interferência de sua reflexão pedagógica em nossa autoria, de modo a elegermos algumas dessas categorias analíticas que irão, em suma, acolher e perceber o conjunto de dados e sentidos vislumbrados em nossa investigação e em outras investigações futuras.

Referências

- ALVES, N. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre rede de saberes**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2009.
- ANDRADE, N.; CALDAS, A.; ALVES, N. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - após muitas ‘conversas’ acerca deles em: **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas - Curitiba : CRV, 2019. 256p.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 15. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 2008.
- FREIRE, P. 1921-1997. **Educação e mudança** [recurso eletrônico] / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013. recurso digital.

- FREIRE, Paulo. 1921-1997 **Pedagogia da autonomia** [recurso eletrônico]: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2011. recurso digital.
- GADOTTI, M. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar** / Moacir Gadotti. - 1. ed. - São Paulo : Publisher Brasil, 2007.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 212 p.
- MACEDO, R. S. **Atos de currículo e Autonomia Pedagógica: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MARTINS, V.; ALMEIDA, J.; ALMEIDA, W. C. de. Atos de Currículo e Re-existência na Cibercultura. **ReDoc**. Rio de Janeiro v. 4 n. 2 p. 13 Mai/Ago 2020 ISSN 2594-9004.
- SANTAELLA, L. **A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2018. 98 p.
- SANTOS, E. **Educação On-line: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. 2005. 351 f. Tese (Doutorado) Salvador, Bahia, 2005. Disponível em: <http://bit.ly/tesedmeasantos1>. Acesso em: 3 mai. 2022.
- SANTOS, E. **Pesquisa-Formação na Cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. 223 p. Disponível em: <http://bit.ly/pesquisafor2019>. Acesso em: 3 mai. 2022.
- SANTOS, E. **EAD, palavra proibida**. Educação on-line, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, agosto de 2020, on-line. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <https://bit.ly/eadproibida> . Acesso em: 05 jun. 2022.